

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Roberto Tierling Klering

**A formação do tenista de alto rendimento: o desafio entre as técnicas avançadas e os
modelos estratégico-táticos**

Porto Alegre, 2015

Roberto Tierling Klering

A formação do tenista de alto rendimento: o desafio entre as técnicas avançadas e os modelos estratégico-táticos

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti.

Porto Alegre, 2015

Roberto Tierling Klering

A formação do tenista de alto rendimento: o desafio entre as técnicas avançadas e os modelos estratégico-táticos

Conceito Final:

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Cicero Moraes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador – Prof. Dr. Carlos Adelar Abaide Balbinotti – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo descrever e comparar as frequências de treinamento das técnicas avançadas em tenistas infantojuvenis brasileiros. Para tanto, aplicou-se o Inventário do Treino Técnico-Desportivo do Tenista (ITTT-12) para uma amostra de 37 tenistas do sexo masculino. Todos os tenistas investigados competiam na categoria “Até 14 anos” (Média = 13,10 anos; DP = 0,77) da Confederação Brasileira de Tênis. A coleta de dados ocorreu durante um campeonato internacional de tênis. Utilizou-se ANOVA para medidas repetidas para comparação entre as iniciativas de jogadas (Iniciativas de Saque – IS; Iniciativas de Devolução de Saque – ID; Iniciativas de Troca de Bolas de Fundo de Quadra – IT). Para a comparação entre Golpes de Preparação (GP) e Golpes de Definição (GD), dentro de cada uma das iniciativas de jogadas, utilizou-se o teste *t* pareado. Encontraram-se diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as três iniciativas de jogadas investigadas ($\bar{X}_{IS} = 13,70$; $\bar{X}_{ID} = 12,35$; $\bar{X}_{IT} = 15,46$). Além disso, verificou-se diferença significativa ($p < 0,05$) entre os GP e os GD no treinamento geral das iniciativas de jogadas e, também, dentro dos grupos de IS e de ID. Este resultado pode indicar uma possível especialização precoce dos modelos estratégico-táticos nos jovens tenistas investigados, não incentivando o desenvolvimento técnico-esportivo adequado à formação de um tenista completo.

Palavras-chave: Tênis. Treinamento. Adolescente. Pedagogia.

ABSTRACT

The aim of this study is describe and compare the frequencies of advanced techniques training in young Brazilian tennis players. To accomplish it, was applied the Tennis Player Technique-Sportive Train Inventory (ITTT-12) for a sample of 37 male tennis players. All of them participated in the “Under 14” competition (Average = 13,10 years; SD = 0,77) of the Brazilian Tennis Confederation. The data was collected in an international tennis championship. ANOVA repeated measures was used to compare the initiatives of play (Serve Initiatives – IS; Return Initiatives – ID; Rally Initiatives – IT). Also was used an one sample *t* Test to compare Preparation Strokes (GP) and Definition Strokes (GD) inside of each initiatives of play. Were found significant differences ($p < 0,05$) among the investigated initiatives of play ($\bar{X}_{IS} = 13,70$; $\bar{X}_{ID} = 12,35$; $\bar{X}_{IT} = 15,46$). In addition, was verified significant differences ($p < 0,05$) among the GP and GD in general training initiatives of play and also within groups of IS and ID. This result may indicate an early specialization of the strategic and tactical model for the Brazilians young tennis players, not encouraging the development of the technique-sportive skills needed to form an all-court tennis player.

Keywords: Tennis. Training. Adolescent. Teaching.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	REVISÃO DE LITERATURA	10
2.1	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO ESPORTIVA DE LONGO PRAZO	10
2.2	ETAPAS DA FORMAÇÃO TÉCNICO-TÁTICA DO TENISTA EM LONGO PRAZO	10
2.3	OS ESTILOS DE JOGO NO TÊNIS	13
2.3.1	Jogador que sobe rapidamente à rede/ “Saque e Voleio”	13
2.3.2	Jogador que joga no “contra-ataque”	14
2.3.3	Jogador que ataca da linha de base/ bom devolvedor	14
2.3.4	Jogador “completo”	14
2.3.5	Outros estilos de jogadores encontrados na literatura	15
2.4	AS CINCO SITUAÇÕES DE JOGO NO TÊNIS	16
2.4.1	Saque.....	16
2.4.2	Devolução de saque	18
2.4.3	Troca de bolas de fundo de quadra	18
2.4.4	Posicionamento junto à rede com o adversário ao fundo da quadra	19
2.4.5	Ao fundo da quadra com o adversário junto à rede	20
2.5	OS GOLPES TÁTICOS E AS INICIATIVAS DE JOGADAS NO TÊNIS	21
2.5.1	Os Golpes de Preparação.....	22
2.5.2	Os Golpes de Definição	23
2.5.3	As iniciativas de jogadas no tênis	23
3.	MÉTODO.....	25
3.1	AMOSTRA	25
3.2	INSTRUMENTOS	25
3.3	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	26
3.4	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS	26
3.5	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	27
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
4.1	ESTUDO DOS CASOS EXTREMOS.....	28
4.2	ANÁLISE DE ITENS	29
4.3	ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS GERAIS	30
4.4	COMPARAÇÕES DE MÉDIAS	31
5.	CONCLUSÕES	36
	REFERÊNCIAS	38
	ANEXO 1 – INVENTÁRIO DO TREINO TÉCNICO-DESPORTIVO DO TENISTA..	43

1. INTRODUÇÃO

Em se tratando de tenistas infantojuvenis, o principal objetivo da formação técnico-esportiva é o desenvolvimento de um tenista completo. É nesta etapa da preparação esportiva que o jovem tenista deve tornar-se capaz de desempenhar com qualidade as técnicas inerentes aos principais modelos estratégico-táticos. Ao desenvolver os principais modelos estratégico-táticos do tênis, o tenista infantojuvenil exercitará as diversas situações em que poderá se deparar durante uma disputa, estando mais bem preparado para enfrentar os desafios das etapas posteriores.

Os modelos estratégico-táticos são culturalmente entendidos no tênis como estilos de jogo. Desta maneira, no presente estudo, respeitando o termo já tradicionalmente utilizado no esporte, os modelos estratégico-táticos são tratados como estilos de jogo. Dentre os estilos de jogo encontrados na literatura especializada (CRESPO; MILEY, 1999; WHITE, 2008; VAN DAALEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013), destacam-se quatro estilos mais comuns de jogadores: (a) Jogador que sobe rapidamente à rede/ “Saque e Voleio” – estilo de jogo em que o tenista procura se posicionar junto à rede o mais breve possível no intuito de definir o ponto a seu favor; (b) Jogador que joga no “contra-ataque” – estilo de jogo caracterizado pela regularidade nas trocas de bolas de fundo de quadra; normalmente o tenista vence o ponto disputado por meio do erro de seu adversário ou de uma jogada de contra-ataque; (c) Jogador que ataca da linha de base – estilo que busca o domínio do ponto disputado por meio de golpes potentes de fundo de quadra; vence o ponto disputado forçando o adversário ao erro e/ou executando golpes vencedores; (d) Jogador Completo – estilo de jogo capaz de combinar todos os demais estilos, aumentando o nível de variabilidade e imprevisibilidade em suas jogadas e adequando-se mais facilmente às situações do jogo.

Todos estes estilos de jogo permitem ao tenista competir em alto nível. No entanto, definir um estilo de jogo não é uma tarefa fácil. O estilo de jogo se revela com o tempo de prática, estando relacionado às capacidades e habilidades de cada tenista, que tendem a revelarem-se com maior clareza após o processo de maturação. Assim, o estilo de jogo que pode parecer o mais adequado para determinado jogador nas fases iniciais de sua vida esportiva, pode não ser o estilo ideal para desempenhar o jogo na vida adulta. Então, até que se conheçam bem estas características, o tenista deve ter construído uma base ampla e sólida de habilidades que permitam a definição de seu estilo de jogo no futuro. O que evidencia que, antes e durante o processo de maturação do tenista, o foco do desenvolvimento deve estar centrado na formação de um tenista completo. Assim, o tenista poderá desenvolver-se a ponto

de estar apto a desempenhar qualquer estilo de jogo no futuro, encontrando as melhores alternativas de jogadas para tornar-se um tenista mais eficiente frente a diferentes adversários.

No intuito de formar um tenista completo, diversos autores (PANKHURST, 1999; VAN AKEN, 1999; CRESPO; MILEY, 1999; UNIERZYSKI, 2003, 2005; BALBINOTTI, 2003; UNIERZYSKI; CRESPO, 2007; BALBINOTTI; MOTTA, 2009a; KLERING, 2013) defendem o ensino/treinamento técnico-tático do tênis a partir de todas as áreas da quadra. Além disso, de acordo com Dent (1995), Pankhurst (1999) e Unierzyski e Crespo (2007), em qualquer momento do jogo, o tenista se encontrará em alguma das seguintes cinco situações de jogo: sacando, recebendo, ambos posicionados ao fundo da quadra, junto à rede com seu adversário ao fundo da quadra, ou, ao fundo da quadra com seu adversário junto à rede. Assim, para que se possa desenvolver um jogador completo, as sessões de treino deverão ser organizadas no sentido de contemplar estas cinco situações existentes no jogo de tênis, propiciando ao tenista o amplo desenvolvimento em todas as áreas da quadra.

Neste sentido, para Balbinotti e Motta (2009a), cada situação no tênis origina-se a partir de três iniciativas básicas de jogadas – Iniciativas de Saque; Iniciativas de Devolução de Saque; e Iniciativas de Troca de Bolas de Fundo de Quadra. Cada uma destas iniciativas básicas de jogadas possui uma série de combinações de golpes, que podem ser divididas em dois grandes grupos de golpes: Golpes de Preparação – golpes que visam o deslocamento do adversário para longe do centro de recepção da bola, desequilibrando o adversário e criando espaços vazios na quadra adversária; e Golpes de Definição – golpes que buscam a imediata definição do ponto por meio da potência e precisão, tornando a jogada indefensável ao adversário. Estas combinações de golpes e iniciativas de jogadas constituem as técnicas avançadas do tênis (BALBINOTTI, MOTTA, 2009a). Com base nisto, observa-se que as técnicas avançadas cumprem a função de articulação entre as etapas do ensino dos fundamentos técnicos básicos e os modelos estratégico-táticos especializados do tênis. Tendo como principal objetivo o desenvolvimento amplo das habilidades técnico-esportivas necessárias à formação de um tenista completo.

Por outro lado, em caso de o treinamento não promover esta variedade durante o processo de formação do jovem tenista, poderá incentivar a especialização precoce de determinados padrões de jogo. A especialização em determinados padrões de jogo em uma fase ainda precoce, provavelmente, tornará o jovem tenista muito bom em algumas características, porém, tende a deixar lacunas em outras áreas de seu jogo. Neste caso, durante uma partida, o adversário que domina os principais estilos de jogo poderá explorar estes aspectos pouco desenvolvidos, impondo a sua maneira de jogar e aumentando suas chances de

vitória. E é justamente na etapa de transição entre o infantojuvenil e o profissional que o tenista sentirá de maneira mais contundente os aspectos negativos da falta do desenvolvimento dos modelos estratégico-táticos pouco praticados.

Não obstante, observa-se que a competição infantojuvenil de tênis, tradicionalmente, apresenta-se com características muito similares ao modelo adulto de competição. Assim, aparentemente, são proporcionadas poucas adequações/modificações para o desenvolvimento de um estilo de jogo mais variado e completo. O que se percebe em competições infantojuvenis de tênis são disputas que parecem exigir dos tenistas golpes específicos e bem desenvolvidos para que se possa vencer uma disputa. Neste sentido, é comum observar um padrão de jogo mais defensivo durante as competições infantojuvenis de tênis. O uso de golpes com trajetórias altas durante a disputa dos pontos é frequentemente observado no tênis infantojuvenil, tendo um alto índice de sucesso em competições. Além disso, observam-se poucas iniciativas de jogadas por meio do saque e das devoluções de saque. Os jovens tenistas realizam o saque e a devolução de saque apenas como uma maneira de dar sequência ao ponto, sendo menos frequente a obtenção de vantagens na disputa dos pontos a partir destas situações.

Por fim, conforme o que é observado nas competições infantojuvenis de tênis, o que sugere a literatura especializada para o treinamento técnico-tático de jovens tenistas, e o potencial negativo do treinamento especializado precocemente, o presente estudo se propôs a investigar o processo de treinamento de tenistas infantojuvenis em relação aos tipos de golpes e iniciativas de jogadas praticadas durante as sessões de treino, a fim de averiguar se o treinamento destes tenistas está coerente com o que sugere a literatura especializada. Para tanto, são formuladas as seguintes questões:

a) Há diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as médias das frequências de treinamento dos grupos de iniciativas de jogadas (Iniciativas de Saque, Iniciativas de Devolução de Saque e Iniciativas de Troca de Bolas de Fundo de Quadra)?

b) Há diferenças significativas ($p < 0,05$) entre as médias das frequências de treinamento geral e intragrupo quanto aos Golpes de Preparação e Golpes de Definição?

Para melhor respondê-las e embasá-las foram empregados procedimentos metodológicos, éticos e estatísticos, bem como uma ampla revisão de literatura que é apresentada a seguir.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Os capítulos e subcapítulos expostos neste tópico têm como finalidade fornecer uma ampla revisão do conteúdo abordado pelo estudo. Neste caminho, são apresentadas tantas fontes bibliográficas, ligadas ao tema de pesquisa, quanto estiveram ao alcance e puderam ser estudadas. Com isso, espera-se apresentar um sólido embasamento sobre o tema abordado no presente estudo.

2.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA FORMAÇÃO ESPORTIVA DE LONGO PRAZO

Para Weineck (2003), o processo de treinamento esportivo em longo prazo tem como objetivo a melhora gradual e contínua do rendimento esportivo. De acordo com Bompa (2002), esportistas que passam por um programa de treinamento bem estruturado e sistemático, em sua maioria, apresentarão os melhores desempenhos no futuro. Neste caminho, o planejamento em longo prazo é fortemente defendido pela literatura especializada (HARRE, 1983; GOMES, 2002; BOMPA, 2002; WEINECK, 2003; PLATONOV, 2008; BÖHME, 2011). Com o planejamento esportivo dividido em fases menores e com objetivos previamente estabelecidos, busca-se a adequação do treinamento esportivo às necessidades, possibilidades e expectativas de cada jovem esportista. Assim, dentre os conteúdos presentes no contexto do treinamento esportivo de longo prazo estão inseridos os conteúdos técnico-táticos.

2.2 ETAPAS DA FORMAÇÃO TÉCNICO-TÁTICA DO TENISTA EM LONGO PRAZO

Conforme Balyi e Hamilton (2003), o tênis se caracteriza por se um esporte de especialização tardia. Neste caminho, diversos autores (CAYER; LAMARCHE, 1989; DENT, 1994; REAL FEDERAÇÃO ESPANHOLA DE TÊNIS, 2000; AUTOUN, 2007) sugerem etapas específicas para o treinamento técnico-tático de longo prazo no tênis. No quadro a seguir são ilustradas as etapas de treinamento em longo prazo e seus conteúdos técnico-táticos.

Quadro 2: Etapas do treinamento técnico-tático em longo prazo.

Autor(es)	Etapas	Técnica	Tática
Cayer e Lamarche (1989)	Primeiros Anos (6 a 11 anos)	Aquisição e consistência de todos os golpes; Empunhaduras corretas; Domínio das variações de efeito; Criar a base técnica para o desenvolvimento da potência.	Jogar a bola nos espaços vazios da quadra; Ações de subida à rede (com voleios em meia quadra e em posição ideal).
	Anos Intermédios (11 a 15 anos)	Desenvolvimento dos efeitos e do controle da potência em todos os golpes;	Desenvolver intenções táticas em todas as situações de jogo; Iniciar ações ofensivas a partir de todas as áreas da quadra; Identificar, ao final desta etapa, o estilo de jogo a ser adotado por cada tenista.
	Últimos Anos (15 a 18 anos)	Desenvolvimento da velocidade, potência, precisão e profundidade de seus golpes; Desenvolvimento dos pontos fortes e dos pontos mais vulneráveis.	Desenvolvimento do tenista em relação ao seu estilo de jogo; Desenvolver alternativas de jogo contra diversos padrões ofensivos.
Dent (1994)	Iniciação (6 a 8 anos)	Enfoque no desenvolvimento das habilidades motrizes básicas.	Manter a bola em jogo; Cooperar com o companheiro.
	Instrução (9 a 10 anos)	Desenvolver a forma geral de todos os golpes; Ênfase nas empunhaduras adequadas e movimentação de membros inferiores; Ensinar sobre a aceleração do movimento da raquete; Desenvolver a variação dos golpes e a criatividade.	Introduzir todas as fases táticas do jogo; Ensinar sobre o posicionamento em quadra e quais bolas atacar.
	Desenvolvimento (11 a 12 anos)	Ensinar como acelerar a raquete e jogar relaxado; Refinamento de golpes e técnicas; Regularidade em todos os golpes.	Desenvolver um estilo de jogo e estratégia de ataque; Treinar as cinco situações de jogo; O treinamento deve começar a se parecer à competição.
	Rendimento (13 a 15 anos)	Desenvolver potência no saque e nos golpes de fundo de quadra;	Desenvolver estilos de jogo individuais mais adequados.
	Alto Rendimento (16 a 18 anos)	Desenvolvimento supremo da potência, profundidade e direção dos golpes.	Desenvolver plenamente o estilo de jogo individual.
Real Federação Espanhola de Tênis (2000)	Mini-tênis (até 7 anos)	Desenvolvimento das habilidades motrizes básicas.	Fomentar jogos diversos e a diversão.
	Iniciação (7 a 9 anos)	Uso das empunhaduras adequadas; Execução dos golpes básicos do tênis; Realizar a execução correta de todas as fases dos golpes.	Conhecer as situações de jogo; Reconhecer a situação do jogador na quadra; Saber quando utilizar diferentes trajetórias, profundidade e direção da bola.
	Aperfeiçoamento (9 a 12 anos)	Aprender a utilizar os golpes especiais (<i>drop shot</i> , <i>swing volley</i> , <i>bate-pronto</i> , etc); Melhora da consistência, precisão e direção dos golpes.	Desenvolver as situações de jogo; Desenvolver jogadas pré-programadas e a antecipação de jogadas; Melhorar a capacidade de enfrentar

			diferentes jogadores em diferentes superfícies;
	Competição (12 a 16 anos)	Desenvolver potência nos golpes; Manutenção e estabilização da técnica geral dos golpes (mesmo em competição); Adaptação das técnicas em função das características do jogador.	Desenvolver a variação de jogo; Seguir desenvolvendo a capacidade de antecipação e seleção dos golpes; Ser capaz de desenvolver uma tática específica para uma determinada partida.
	Alta competição (a partir dos 16 anos)	Objetivos muito similares aos da etapa de Competição.	Objetivos muito similares aos da etapa de Competição.
Autoun (2007)	Estágio 1 (5 a 9 anos)	Desenvolver técnicas que permitam jogar o jogo com consistência e variedade; Desenvolver habilidades motoras básicas.	Manter a bola em jogo; Mover o adversário na quadra; Recuperar para uma boa posição entre os golpes executados. Enfatizar as três primeiras situações: sacando, devolvendo e jogando da linha de base; Desenvolver algumas situações de jogo de rede ao final deste estágio.
	Estágio 2 (9 a 12 anos)	Construir uma boa técnica de execução dos golpes; Saber reconhecer suas potencialidades; Usar variações de golpes (p. ex.: saque com diferentes colocações e força).	Começar a construir jogadas a partir de uma sequência de golpes; Utilizar o primeiro saque como uma maneira de atacar; Neutralizar o primeiro saque do adversário (devolução alta e profunda); Atacar o saque fraco; Vencer com regularidade de golpes; Se defender com altura nos golpes.
	Estágio 3 (12 a 16 anos)	Utilizar diferentes trajetórias de bolas; Utilizar diferentes efeitos nos golpes; Desenvolver precisão em todos os golpes; Desenvolver golpes potentes em deslocamento.	Preparar-se para jogar nas cinco situações de jogo; Utilizar diferentes táticas contra diferentes adversários; Aproximar-se da rede com rapidez; Utilizar a passada em dois tempos; Saber atacar, construir e defender-se a partir do fundo da quadra; Executar diferentes padrões de ataque quando sacando e devolvendo.
	Estágio 4 (16 em diante)	Realizar a manutenção das técnicas amplamente desenvolvidas.	Definir um estilo de jogo próprio; Sentir-se confortável em diferentes superfícies de quadra; Utilizar padrões de jogo que potencializem seus pontos fortes e escondam os pontos fracos.

Conforme os modelos de formação a longo prazo do tenista apresentados, observa-se que, desde o início de sua vida esportiva até o alto rendimento, o tenista passa por diferentes etapas, com diferentes objetivos no que diz respeito ao desenvolvimento técnico-tático. Assim, os componentes técnico-táticos são organizados e desenvolvidos conforme o crescimento, maturação e nível de habilidade dos jovens tenistas, almejando a formação de

um tenista que possa desempenhar os principais estilos de jogo existentes no tênis (CRESPO; MILEY, 1999).

2.3 OS ESTILOS DE JOGO NO TÊNIS

No tênis, o modo como o tenista executa o seu plano de jogo é classificado conforme suas características estratégico-táticas. Embora cada tenista tenha características que lhe são únicas, existem generalizações que visam realizar macroclassificações a respeito de seu estilo de jogo predominante. Cabe salientar que, culturalmente, no tênis, utiliza-se o termo “estilo de jogo” no lugar de “modelos estratégico-táticos” para definir o modo como o tenista executa o seu plano de jogo. Assim, no presente estudo, respeitando o termo já tradicionalmente utilizado no esporte, os modelos estratégico-táticos são tratados como estilos de jogo.

Neste caminho, a classificação mais frequentemente encontrada na literatura diz respeito a quatro estilos principais de jogo (CRESPO; MILEY, 1999; WHITE, 2008; VAN DAALLEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013). Embora apresentem algumas diferenças quanto às suas nomenclaturas, os conteúdos presentes em cada um dos estilos de jogo mostram-se bastante semelhantes. Assim, no intuito de realizar uma nomenclatura única para a descrição sobre cada um dos quatro estilos de jogadores no tênis, utiliza-se a nomenclatura da apostila do Curso de Capacitação de Professores – Curso Nível 3 – da Confederação Brasileira de Tênis (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS, 1999).

2.3.1 Jogador que sobe rapidamente à rede/ “Saque e Voleio”

Este jogador tem a capacidade de controlar a partida por meio de um agressivo jogo de rede. Possui a habilidade de locomover-se rapidamente para frente, utilizando o “saque e voleio”, ou o “golpe de aproximação e voleio”. Tende a executar um grande percentual de primeiros serviços, com muita precisão. Costuma por muita pressão sobre o adversário, forçando-o a realizar muitas jogadas de “passadas”, ou contra-ataque. É bastante rápido e hábil. Tende a ser mais eficaz em superfícies rápidas (CRESPO; MILEY, 1999; WHITE, 2008; VAN DAALLEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013).

2.3.2 Jogador que joga no “contra-ataque”

Geralmente são jogadores que apresentam um perfil mais defensivo. Reagem às ações do adversário, nutrindo-se da força de seus golpes. Em geral, posicionam-se um pouco mais afastados da linha de base. São consistentes de fundo de quadra e utilizam bolas com muito *top spin* e trajetórias mais altas e profundas, proporcionando longas trocas de bola. Tendem a apresentar grande resistência física e mental, bem como bons golpes de “passadas” e *lobs*, contudo, não apresentam golpes com grande contundência. Costumam jogar contando com o erro do adversário. São mais favorecidos quando jogam em quadras lentas (CRESPO; MILEY, 1999; WHITE, 2008; VAN DAALEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013).

2.3.3 Jogador que ataca da linha de base/ bom devolvedor

Este jogador costuma ditar o ritmo do ponto disputado por meio de golpes potentes e próximos à linha de base. Utiliza o seu *forehand* como principal ferramenta para dominar os pontos. Pode executar golpes vencedores de qualquer zona da quadra. Possui uma boa devolução de saque, porém, o serviço nem sempre é dominante. Bons jogadores deste estilo, geralmente são rápidos, ágeis e fortes, tendo um excelente controle de seu corpo. Tende a desempenhar um bom nível de jogo em todas as superfícies, mas se sobressai nas mais lentas (CRESPO; MILEY, 1999; WHITE, 2008; VAN DAALEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013).

2.3.4 Jogador “completo”

O jogador completo é capaz de utilizar todos os estilos de jogo. Consegue combinar golpes mais potentes e de regularidade. Pode alterar rapidamente seu estilo de jogo conforme as condições da partida, superfície e/ou oponente enfrentado. Sente-se confortável nas diversas zonas da quadra, podendo ser agressivo, neutro e até mesmo defensivo. Este jogador tende a desempenhar o jogo de maneira muito eficaz em todos os tipos de superfície, porém, devido ao grande repertório, pode perder o foco e, com ele, o seu plano de jogo (CRESPO; MILEY, 1999; WHITE, 2008; VAN DAALEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013).

2.3.5 Outros estilos de jogadores encontrados na literatura

Apresentados os quatro estilos de jogadores de tênis mais encontrados na literatura, cabe salientar que alguns autores (VAN DAALEN, 2011; GIAMPAOLO, 2013) classificam os estilos de jogadores no tênis em mais do que quatro modelos. Para Van Daalen (2011), além dos quatro estilos de jogo já descritos, existe também o *Defensive Player*. Já Giampaolo (2013), considera que existem outros dois estilos de jogo além dos já mencionados. Assim, surgem os estilos de jogo denominados de *Defensive Player* (VAN DAALEN, 2011); o *Retriever*; e o *Finesse Player* (GIAMPAOLO, 2013).

O *Defensive Player*, bem como o *Retriever* apresentam características muito semelhantes entre si, podendo distinguir-se apenas quanto à sua nomenclatura. Ambos os autores classificam estes estilos de jogo como característicos ao jogador que busca vencer a partida por meio dos erros de seu adversário. Os jogadores que desempenham este estilo de jogo tendem a trocar quantas bolas sejam necessárias até que o adversário seja levado ao erro. O uso de bolas com bastante altura e efeito *top spin* é muitíssimo frequente. Ainda assim, como não apresentam golpes de grande contundência, tendem a ficar vulneráveis ao desempenho de seus adversários.

Já o estilo de jogo descrito por Giampaolo (2013) como *Finesse Player*, apresenta características de um jogador que tem boa coordenação motora fina, desempenhando boas jogadas de toque e com ângulos acentuados. Este jogador apresenta uma grande variação de golpes, podendo confundir o adversário, ou levá-lo ao erro por meio desta excessiva variação de jogadas. Contudo, não desempenha muita força em seus golpes e não apresenta muita tolerância a trocas de bolas prolongadas.

Entretanto, estes últimos estilos de jogadores apresentados – *Defensive Player*, *Retriever* e *Finesse Player* – tendem a serem mais frequentemente vistos em clubes e academias, não apresentando o nível de desempenho necessário para suprir as demandas do alto rendimento no tênis. Assim, embora tenham sido encontrados mais do que quatro estilos de jogadores na totalidade, são quatro os estilos de jogadores mais recorrentes na literatura, bem como são os mesmos quatro estilos que se sobressaem no alto rendimento. São eles:

- Jogador que sobe rapidamente à rede/ “Saque e Voleio”;
- Jogador que ataca da linha de base/ bom devolvedor;
- Jogador que joga no “contra-ataque”;
- Jogador “completo”.

Por fim, de acordo com Crespo e Miley (1999), o melhor tipo de jogador que se deve tentar desenvolver é o jogador “completo”. Assim, para que se possa desenvolver o estilo de jogo completo, diversos autores (CRESPO; COOKE, 1999; PANKHURST, 1999; UNIERZYSKI; CRESPO, 2007; CORTELA *et al.*, 2012) sugerem o uso das situações do próprio jogo durante as etapas de formação de jovens tenistas.

2.4 AS CINCO SITUAÇÕES DE JOGO NO TÊNIS

Enquanto executar uma habilidade de forma efetiva é crítica ao desempenho, tomar decisões apropriadas sobre o que fazer durante uma situação em um jogo é igualmente importante (UNIERZYSKI; CRESPO, 2007). Neste sentido, os métodos de ensino atuais visam a integração dos conteúdos técnico-táticos, desenvolvendo-os por meio das próprias situações que ocorrem durante o jogo (CRESPO; COOKE, 1999; PANKHURST, 1999; UNIERZYSKI; CRESPO, 2007; CORTELA *et al.*, 2012). Assim, o tenista deve ter o seu desenvolvimento técnico-tático com base nas situações existentes no próprio jogo, desenvolvendo a técnica dos golpes dentro destas situações. Conforme destaca Autoun (2007), o ensino/treinamento por meio das situações do próprio jogo faz com que os jovens tenistas aprendam o que fazer em determinada situação ao mesmo tempo em que aprendem como fazer.

Neste caminho, Dent (1995), Pankhurst (1999) e Unierzyski e Crespo (2007), afirmam que, em qualquer momento do jogo, o tenista se encontrará em alguma das seguintes situações:

- Sacando;
- Recebendo;
- Ao fundo da quadra com o seu adversário ao fundo da quadra dele;
- Aproximando-se à rede ou já junto à rede;
- Ao fundo da quadra com o adversário aproximando-se à rede ou já posicionado junto à rede.

A seguir são descritas cada uma das cinco situações presentes no jogo de tênis.

2.4.1 Saque

No que diz respeito ao saque, este é o meio de iniciar todos os pontos no tênis. Com a bola inicialmente em sua posse, o sacador tende a encontra-se em vantagem no ponto. Além

de começar a jogada com a bola sob seu domínio (situação única no tênis), o posicionamento dos jogadores é outro fator que pode ser determinante para vencer o ponto em disputa. Enquanto o sacador inicia o ponto próximo à linha central da quadra, o seu adversário estará próximo da linha lateral, pois assim cobrirá os prováveis ângulos de recepção da bola. Com isso, o sacador se encontra em posição favorável, pois, normalmente, o meio da quadra é o ponto mais favorável e próximo da cobertura ideal dos possíveis ângulos de resposta (DENIAU, 1991; DENT; JONES, 1994; BARCLAY, 1995; SMITH, 1995).

Não obstante, o sacador pode imprimir diferentes efeitos à bola. O saque pode ser realizado com potência e de forma plana, dirigido ao centro da quadra. Devido à altura da rede ser menor na direção central da quadra, é possível ao sacador imprimir uma maior potência ao golpe. Também, com uma trajetória mais curta entre o sacador e o seu alvo, o recebedor tem o seu tempo de reação diminuído, pois a distância que a bola percorrerá é menor se comparado a um saque aberto. Com isso, o jogador que irá devolver a bola estará sujeito a erros seguidos (CRESPO, 1993; WOODS; HOCTOR; DESMOND, 1995; DENT, 1995). Contudo, têm-se ainda, basicamente, mais dois tipos de saques: o saque aberto com rotação lateral; e o saque contra o corpo do recebedor.

Um saque aberto com rotação lateral forçará um desequilíbrio do adversário no momento da recepção do mesmo. Este saque, quando executado de forma que fique muito próximo a linha lateral da área de saque, embora dificulte a geração de potência por parte do sacador, deslocará o receptor para longe do centro da quadra (WOODS; FERNANDES, 2001; DENT, 1995; SCHWARTZ; DAZET, 1998). Ao percorrer essa maior área o recebedor estará mais sujeito a cometer erros na devolução do saque, ou ainda facilitar o ataque ao sacador na bola próxima bola.

Por fim, o saque contra o corpo do oponente. Este último, mais fácil de acertar devido à menor chance de erros laterais à quadra, obriga o adversário a defender-se. Claro que, embora diminuam os erros de primeiro saque, não significa que o saque seja colocado mais facilmente onde se pretende, pois o mesmo deve ser direcionado muito próximo ao meio do corpo do oponente. Desta forma, se o sacador conseguir manter o saque sob o corpo do oponente manter-se-á, também, na ofensiva do ponto.

Além dessas vantagens, o sacador poderá esconder o tipo de saque que usará, dificultando ainda mais a recepção de saque por parte do adversário. Assim, o recebedor poderá apenas intuir em que direção a bola percorrerá. Além disso, o sacador tem duas tentativas para efetuar o saque sem nenhum prejuízo técnico para o jogo (BALBINOTTI, 2003). Com todas essas vantagens mencionadas, o sacador possui maiores possibilidades de

dominar os pontos desde o seu início. Em virtude disso, é mais frequente ver o sacador ganhando os pontos durante o seu game de saque.

2.4.2 Devolução de saque

Quanto à devolução de saque, as opções do recebedor normalmente são limitadas pela eficiência do sacador. Para que se tenha alguma chance de êxito contra um sacador com bastante potência em seu saque, devolver a bola para a quadra de jogo da maneira que for possível pode ser a única opção (BOLLETTIERI, 1999; CRESPO; MILEY, 1999). Assim, durante o jogo, algumas condições favoráveis poderão aparecer e não deverão ser desperdiçadas.

As possibilidades abertas pelo sacador para que o recebedor realize uma boa jogada, devem ser usufruídas com a melhor eficiência possível. Se o sacador jogar com o segundo saque, o recebedor deverá tomar a frente do ponto (CRESPO, MILEY, 1999). Assim, a devolução poderá tomar um caráter ofensivo, contra-atacando o segundo saque. Desta forma, o jogador que irá receber o saque poderá efetuar um golpe ganhador, ou, até mesmo, golpes com ângulo cruzado acentuado, ou golpes longos na paralela, objetivando o desequilíbrio do sacador, para uma subida à rede, ou para uma bola curta (SAMMEL, 1995; SMITH, 1995).

Contudo, o recebedor poderá optar por golpes de prevenção ou construção. O jogador que receberá o saque poderá direcionar a bola às diversas partes da quadra, variando sua potência e rotação (CRESPO; MILEY, 1999). Estes golpes caracterizam-se pela profundidade e direção. As bolas cruzadas, paralela, ou golpeadas em direção ao corpo do adversário são as mais indicadas. Estas respostas ao saque visam tirar o sacador de sua situação de equilíbrio, buscando, também, reduzir os ângulos em que o adversário poderá colocar a bola. Assim, evita-se a continuação dos golpes ofensivos por parte do sacador.

Segundo Kopsic e Segal (1995), Lawrence (1995) e Sammel (1995) uma devolução de saque eficiente torna-se fundamental quando o objetivo é a competição esportiva. Devido sua complexidade e grau de incerteza, a resposta de saque deve ser trabalhada com muita qualidade pelos jovens tenistas, ainda em processo de desenvolvimento.

2.4.3 Troca de bolas de fundo de quadra

Quanto à troca de bolas com ambos os tenistas posicionados ao fundo da quadra, nesta situação a principal meta é a projeção da jogada de ataque antes que o adversário o faça.

Atacando antes que o oponente o ataque, o jogador evitará situações de defesa ou contra-ataque, as quais poderiam dificultar a sua ação. Assim, a menos que seu adversário cometa muitos erros não forçados, recomenda-se a iniciativa do ataque (DENIAU, 1991; SAMMEL, 1995; SMITH, 1995; SCHÖNBORN, 1999).

Para melhor desequilibrar o adversário na quadra e buscar um modo ofensivo de jogo, é necessário que o jogador distribua os seus golpes de maneira que use a quadra inteira, mantendo a bola longe do centro da quadra. Para isso, além de deslocarem-se com muito empenho, os tenistas possuem quatro opções de golpes para afastar o seu adversário do ponto central de recepção: o golpe cruzado com muita rotação e ângulo acentuado, o golpe direcionado à paralela com pouco efeito e com profundidade, uma bola curta com *underspin*, próxima à rede, e, por fim, a subida à rede por meio de um golpe profundo de velocidade moderada (REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS, 1993; SMITH, 1995; BARCLAY, 1995).

A efetividade do jogo de fundo de quadra depende de vários fatores como: a) ter consistência nos golpes de base; b) manter boa profundidade na colocação da bola; c) imprimir boa altura nos golpes para conseguir maior consistência e profundidade; d) golpear a bola com certa potência para não deixar o adversário confortável em quadra, tirando seu tempo de reação; e) utilização de efeitos à trajetória da bola, imprimindo maior variabilidade ao jogo; f) direcionar os golpes conforme a tática adotada, geralmente fazendo seu adversário movimentar-se bastante em quadra e atacando o seu lado mais frágil (*backhand*); g) movimentar-se rapidamente em quadra; h) trocar o ritmo e os efeitos dos golpes, fazendo com que o adversário tenha que se adaptar constantemente à situação do jogo; e i) dominar os golpes táticos do jogo (ver pág. 13), aplicando-os de maneira mais assertiva possível (REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS, 1993).

Ao dominar o maior número destes fatores, o tenista tenderá a ter maiores chances de sucesso. Ainda assim, o jogo de tênis pode exigir do tenista outras duas situações, conforme o estilo de jogo e estratégia adotados pelo adversário.

2.4.4 Posicionamento junto à rede com o adversário ao fundo da quadra

Esta situação, geralmente, se relaciona mais fortemente a uma ação de ataque realizada pelo tenista que esta junto à rede. Ao realizar um bom saque, devolução, ou jogo de fundo de quadra, o tenista pode buscar o posicionamento junto à rede, caracterizando uma ação ofensiva de maneira voluntária. Assim, a partir destas três situações citadas, ao perceber a

efetividade de sua jogada, o tenista poderá posicionar-se junto à rede no intuito de definir o ponto a seu favor.

Para White (2008), a melhor maneira de realizar o golpe de aproximação é com um golpe paralelo e profundo. Assim, o ângulo do golpe de passada executado pelo adversário estará reduzido, facilitando a execução do voleio (WHITE, 2008; VAN DAALEN, 2011). Ainda assim, a aproximação à rede pode ser feita com um golpe cruzado, desde que faça o adversário deslocar-se bastante, golpeando a bola em desequilíbrio (REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS, 1993). Neste último, vale lembrar que o jogador que está aproximando-se da rede deverá correr uma distância maior para cobrir os ângulos de resposta do adversário.

Já na rede, há duas posições mais frequentes em que o tenista se encontrará no momento de volear a bola: posicionado próximo à rede e posicionado junto à linha de saque (CRESPO; MILEY, 1999). No caso de um voleio próximo à rede, o tenista deverá golpear a bola no espaço vazio, com ângulo e, se possível for, forte. Caso seja um voleio próximo a rede, porém, baixo, o voleio curto deixado é o mais aconselhado. Em caso de realizar o voleio próximo a linha de saque, aconselha-se fazer um primeiro voleio fundo e no lado oposto ao que estiver o adversário (ou no seu ponto fraco, ex. *backhand*), para executar um segundo voleio, mais próximo à rede e com melhores chances de êxito (REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS, 1993).

Por fim, se for o caso de realizar um *overhead* posicionado ao fundo da quadra, o tenista deve procurar executá-lo com profundidade, de preferência, no lado mais vulnerável de seu adversário. Se for um *overhead* posicionado junto à rede, o tenista deverá buscar executá-lo com força e ângulo, com o objetivo de definir o ponto imediatamente (WHITE, 2008). Contudo, cabe salientar que o tenista poderá estar junto à rede por opção de seu adversário, que o fez chegar nesta posição visando alguma estratégia adotada.

2.4.5 Ao fundo da quadra com o adversário junto à rede

Colocado ao fundo da quadra, o tenista terá três opções de ação na tentativa de superar o adversário que está posicionado junto à rede: a) Buscar a passada diretamente – se estiver bem posicionado e equilibrado, o tenista poderá executar um golpe com muita força e profundidade na paralela, ou com muito ângulo na cruzada, desviando ao máximo a trajetória da bola do alcance do voleador; b) buscar a passada em dois tempos – caso o tenista esteja em equilíbrio e com tempo para reagir, poderá optar por colocar a bola nos pés do adversário,

executar um *lob*, ou, caso o voleador não seja tão eficiente, fazê-lo voar com o seu lado mais vulnerável, para, então, realizar a passada de maneira definitiva com um segundo golpe; e c) tentar o *lob* defensivo – caso o tenista esteja em uma posição de desequilíbrio e defensiva, a opção do *lob* é a mais indicada para se ganhar tempo e ter melhores condições de rebater a próxima bola de maneira mais eficiente (REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS, 1993; CRESPO E MILEY, 1999; VAN DAALEN, 2011).

Sabendo disso, vê-se que parte determinante do desempenho em uma quadra de tênis depende de uma construção das jogadas condizente com suas variações e funções no momento do jogo. Para isso, as seleções de resposta no momento da partida necessitam de um amplo domínio técnico-tático, pois são de fundamental importância à obtenção de resultados positivos. Assim, a seguir, detalham-se os golpes táticos e as três iniciativas básicas de jogadas no tênis, fundamentais à construção de cada jogada durante uma partida.

2.5 OS GOLPES TÁTICOS E AS INICIATIVAS DE JOGADAS NO TÊNIS

Ao longo de uma partida de tênis, cada rebatida deve representar um propósito estratégico-tático. Com sua estratégia de jogo definida, o tenista executa diversos golpes que visam solucionar as problemáticas do jogo. Neste caminho, Crespo e Miley (1999) classificam os golpes no tênis em: (a) Golpes Preventivos – são golpes que tem por objetivo evitar que o adversário realize um golpe ganhador; (b) Golpes Neutros – são golpes realizados com ambos os tenistas em posição equilibrada, não têm um objetivo concreto, mas fazem com que o adversário tenha que rebater uma bola a mais; (c) Golpes Construtivos – são golpes que visam desequilibrar o adversário, criando condições para a futura realização de um golpe ganhador; e (d) Golpes Ganhadores – são golpes que tem por objetivo definir o ponto imediatamente.

Já para Balbinotti e Motta (2009b), os golpes no tênis podem ser classificados em cinco grupos distintos: (a) Golpes Ofensivos – a principal característica desse grupo de golpes é a íntima relação entre a potência e a precisão dos golpes, buscando a definição direta do ponto; (b) Golpes de Contra-ataque – são golpes que possuem as mesmas propriedades de definição direta dos pontos que os Golpes Ofensivos, porém, são realizados em uma posição distante da região central de recepção e, normalmente, em uma situação de desequilíbrio corporal; (c) Golpes de Neutralização – são golpes que buscam anular as iniciativas ofensivas do adversário através de bolas profundas e de média altura com o rápido retorno do jogador ao centro de recepção; (d) Golpes de Pressão – são golpes que possuem muita potência e

profundidade, similares aos Golpes Ofensivos, porém, o risco de erros buscando a precisão dos golpes é reduzido; e (e) Golpes Defensivos – são golpes que têm por objetivo apenas recolocar a bola em jogo, pois nesta situação o tenista se encontra em grande desequilíbrio e não apresenta condições de executar outro tipo de golpe.

De acordo com Balbinotti e Motta (2009b), ao combinar os diferentes tipos de golpes, os tenistas podem elaborar jogadas. Estas combinações de golpes podem ser divididas em dois grandes grupos: os Golpes de Preparação (GP) e os Golpes de Definição (GD).

2.5.1 Os Golpes de Preparação

Quanto aos GP, é importante salientar, são constituídos pelos golpes preventivos, pelos golpes neutros e pelos golpes de construção, já detalhadamente descritos. O objetivo central da utilização dos GP é a preparação da jogada para que a mesma seja definida a favor do tenista que as executou. Para isso, é necessário que o tenista utilize uma sequência de ações que causem o deslocamento do adversário para longe do centro de recepção, objetivando criar espaços vazios para a realização de um golpe de definição. Esta condição será criada devido à dificuldade do adversário em neutralizar os GP, levando o tenista à definição do ponto por meio de um golpe ofensivo, ocasionado pelos GP (BALBINOTTI; MOTTA, 2009a). Esta incapacidade de neutralizar a preparação da jogada se deve ao fato de, com o corpo em desequilíbrio, a precisão ser o primeiro fator a sofrer prejuízos (MOTTA, 2009).

Tendo a preparação dos pontos, em uma situação competitiva no tênis, como algo imprescindível a um bom desempenho durante a partida, é importante que os pontos sejam preparados de uma forma otimizada. Assim, não prorrogando a disputa do ponto além do necessário, o atleta poderá poupar-se fisicamente. Para isso, existem algumas combinações, quanto aos GP, que podem melhorar o desempenho do atleta. Estas combinações, a fim de aperfeiçoar a estruturação da sequência de jogadas, podem ocorrer de duas maneiras: (a) dominando o adversário do fundo da quadra – deslocar o adversário, através de uma combinação de golpes, de forma a afastá-lo da região central de equilíbrio para a recepção do próximo golpe; (b) variando os golpes quanto à rotação e potência imprimidas à bola – alterar altura, velocidade, profundidade e efeito ao realizar os golpes de forma a não permitir o condicionamento do adversário na realização dos golpes.

2.5.2 Os Golpes de Definição

No que diz respeito aos GD, são constituídos de todos os golpes que visam tornar a jogada indefensável ao seu adversário (BALBINOTTI, 2003). Dentre eles, caracterizam-se os golpes ganhadores. Os GD pretendem encerrar a disputa do ponto da posição em que foram executados, sem oferecer alguma condição de reação para o oponente. Contudo, em algumas situações, este propósito não é cumprido e a necessidade de mais um ou dois golpes tornam-se precisos para a finalização do ponto (BALBINOTTI; MOTTA, 2009a; BALBINOTTI, 2003).

Não menos importantes, os GD também são fundamentais para uma boa *performance*. Embora os erros não forçados aconteçam com frequência em uma partida de tênis, após a preparação correta do ponto, muitas vezes, se faz necessária a definição do mesmo com mais um golpe. Este golpe, de extrema precisão e potência, deverá ser realizado com o tenista executante equilibrado, caso contrário, as chances de falhar ao executar este golpe são grandes. Os GD, assim como os GP, possuem duas maneiras de serem executados: (a) golpes de extrema potência e precisão – utilizar golpes que busquem as linhas da quadra e que possuam grande velocidade, obtendo-se, assim, um golpe vencedor; (b) golpes junto à rede ou executados com o adversário fora do centro de recepção – utilizar-se de uma posição privilegiada em quadra para definir o ponto sem que o adversário possa esboçar uma reação eficaz na tentativa de contrapor-se.

2.5.3 As iniciativas de jogadas no tênis

Cada golpe tático, bem como cada grupo de golpes (GP e GD) apresentados é realizado dentro de uma situação de jogo. Neste caminho, durante uma partida de tênis, há três possibilidades chave para se tomar a iniciativa de um ponto: o Saque; a Devolução do Saque; e a Troca de Bolas do Fundo da Quadra (ROWLEY, 1990; DENT, 1995; KOPSIC, SEGAL, 1995; LAWRENCE, 1995; BALBINOTTI, MOTTA, 2009a). A partir de cada uma destas três situações o tenista poderá controlar o ponto em disputa, podendo realizar uma jogada vencedora, fazer com que seu adversário cometa algum tipo de erro, ou mesmo cometer um erro não forçado durante a sua execução.

Cabe salientar que estas três iniciativas de jogadas também podem abrir para mais duas outras situações de jogo no tênis: aproximando-se à rede ou já junto à rede; e ao fundo da quadra com o adversário aproximando-se à rede ou já posicionado junto à rede (DENT,

1995; PANKHURST, 1999; UNIERZYSKI; CRESPO, 2007), como já descrito anteriormente.

Por fim, é importante atentar-se, novamente, a necessidade de uma estruturação dos conteúdos técnico-táticos adequados ao desenvolvimento dos tenistas. Ao analisar as etapas do desenvolvimento maturacional do indivíduo, percebe-se a relevância da realização de um treinamento esportivo gradual. Além disso, a complexidade das situações e a grande gama de jogadas existentes no esporte fazem com que a formação de um tenista de alto rendimento seja desenvolvida a longo prazo (CRESPO; MILEY, 1999; BALYI; HAMILTON, 2003). Assim, levando em consideração estes aspectos, as chances de se evitar um treinamento errôneo, estimulado por uma possível cópia do modelo adulto de treinamento, ou necessidade de resultados rápidos, caracterizando uma especialização técnica precoce dos tenistas infantojuvenis, é bastante reduzido. A seguir, expostos os objetivos do estudo, sua revisão de literatura, bem como suas preocupações acerca do treinamento de tenistas infantojuvenis, apresentam-se os métodos utilizados para realização do presente estudo.

3. MÉTODO

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva com delineamento transversal, na qual a informação é obtida pedindo-se aos sujeitos que respondam a um questionário, em vez de observar seu comportamento. Trata-se de uma técnica de investigação empírica em ciências sociais que, segundo Hill e Hill (2008), tem por objetivo descobrir fatos novos (dados empíricos) para testar deduções feitas a partir de uma teoria que pode ter aplicações práticas em médio prazo.

3.1 AMOSTRA

O estudo contou com a participação de 37 tenistas do sexo masculino da categoria competitiva “até 14 anos” (Média = 13,10 anos; DP = 0,77) da Confederação Brasileira de Tênis (CBT). Todos os tenistas declararam treinar regularmente com uma frequência mínima de pelo menos duas vezes por semana e participar de competições oficiais há dois anos ou mais. Dos 37 tenistas que participaram do estudo, 17 estavam colocados entre os 37 melhores do ranking da CBT e 5 deles estavam entre os 10 mais bem colocados. A escolha da amostra caracteriza-se como sendo do tipo intencional, selecionada a partir de critérios como acessibilidade e disponibilidade (MAGUIRE; ROGERS, 1989).

3.2 INSTRUMENTOS

O estudo utilizou os seguintes instrumentos: a) Questionário de Identificação das Variáveis de Controle (QIVC); b) Inventário do Treino Técnico-desportivo do Tenista (ITTT-12) (BALBINOTTI *et al.*, 2004; 2009). O QIVC foi aplicado com o intuito de coletar informações, tais como: idade, categoria, sexo, frequência de treino semanal e tempo de prática competitiva em campeonatos oficiais. Já o ITTT-12 serviu para o recrutamento dos dados específicos ao treinamento técnico do tênis. O ITTT-12 avalia a frequência do treino de 12 iniciativas de jogadas consideradas fundamentais para o desenvolvimento integral das técnicas do tênis. Estas iniciativas de jogadas podem ser divididas em três categorias distintas, conforme a teoria preconiza.

A primeira, Iniciativas de Saque (IS), consta de 4 itens que avaliam a frequência de treinamento de jogadas iniciadas através do saque (Ex.: “Saque para o domínio do ponto do fundo de quadra”). A segunda, Iniciativas de Devolução de Saque (ID), consta de 4 itens que,

por sua vez, avaliam a frequência de treinamento de jogadas iniciadas através da devolução (Ex.: “Devolução de saque com variações de potência e rotação”). Por fim, a terceira, Iniciativas de Troca de Bolas (IT), a qual, da mesma forma, possui 4 itens a fim de avaliar a frequência de treinamento de jogadas iniciadas através da troca de bolas do fundo de quadra (Ex.: “Troca de bolas para aproximação à rede”).

Além das três dimensões estabelecidas no que diz respeito às iniciativas de jogadas, as combinações de golpes investigadas também são categorizadas em dois grandes grupos: os Golpes de Preparação (GP) e os Golpes de Definição (GD). Cada um dos grupos é composto por 6 itens, totalizando 12 itens. No que diz respeito aos GP, as jogadas como “Troca de bolas com variações de potência e rotação” e “Saque para o domínio do ponto do fundo de quadra” caracterizam esse grupo. Para os GD, jogadas como “Devolução de saque como golpe vencedor” e “Saque para aproximação à rede” são dois exemplos de jogadas que representam esse grupo.

O ITTT-12 foi respondido conforme uma escala de tipo Likert (1932), graduada em 5 pontos, sendo 1 “pouquíssima frequência” e 5 “muitíssima frequência” de treino. Cabe salientar que o instrumento utilizado (ITTT-12) teve suas propriedades métricas analisadas de forma satisfatória no que diz respeito à análise fatorial confirmatória e de consistência interna (BALBINOTTI et al., 2009).

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Após serem localizados os tenistas que cumpriam os critérios de participação do estudo, estes foram convidados a participar do mesmo. Aos que aceitaram participar do estudo, a aplicação do ITTT-12 ocorreu no período de descanso entre seus jogos. A aplicação do inventário foi realizada de duas maneiras: individualmente ou em pequenos grupos. Cada participante utilizou, em média, 10 minutos para responder ao inventário. Salienta-se que a coleta de dados ocorreu durante um campeonato internacional de tênis realizado na cidade de Porto Alegre – RS, Brasil.

3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise estatística foi utilizado o software SPSS 17.0. Foram realizadas as estatísticas descritivas de tendência central (média, desvio padrão, média aparada a 5%, mediana, moda e valores mínimo e máximo) e inferencial. Para a análise inferencial, foram

utilizados os testes de comparação de médias ANOVA para medidas repetidas, com post-hoc de Bonferroni, e teste t pareado. Os níveis de significância adotados foram de 0,05 ($p < 0,05$). Para a análise da consistência interna do instrumento para estes dados, foi calculado o *alpha* de Cronbach.

3.5 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Após serem identificados os sujeitos do estudo, foram explicados aos seus responsáveis os seus objetivos. Salientou-se a livre participação, podendo desistir da pesquisa a qualquer momento, caso assim desejassem. Além disso, foi assegurado aos participantes a confidencialidade e sigilo de suas respostas, sendo utilizadas apenas as informações pertinentes à pesquisa. Com a concordância em participar do estudo expressa por parte dos responsáveis e dos tenistas investigados, foi assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. A abordagem e coleta dos dados ocorreram durante um campeonato internacional de tênis infantojuvenil.

Cabe ressaltar que este estudo faz parte de uma pesquisa maior, intitulada “O Treinamento Desportivo Infanto-Juvenil: um estudo exploratório com atletas brasileiros”. Este projeto guarda-chuva foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul sob o número de protocolo 2007721.

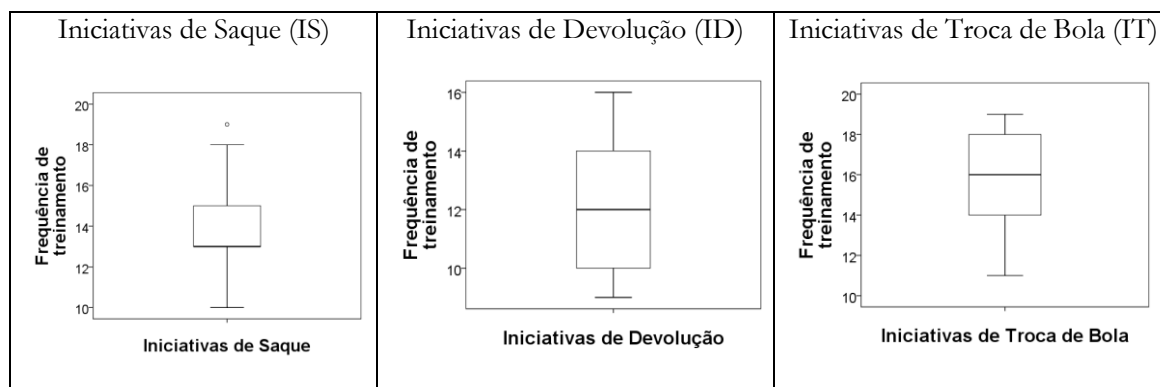
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para responder adequadamente à questão central desta pesquisa, procedeu-se à exploração dos escores obtidos por meio do ITTT-12, segundo princípios norteadores comumente aceitos na literatura especializada (BISQUERA, 1987; BRYMAN; CRAMER, 1999; REIS, 2000; PESTANA; GAGEIRO, 2003). Assim, apresentam-se, sucessiva e sistematicamente, os resultados das análises de itens, das estatísticas descritivas e das comparações de médias conforme a variável controlada (iniciativa de jogadas). Salienta-se que a apresentação do tópico “análise de itens”, neste estudo, tem por objetivo demonstrar a confiabilidade dos valores das médias encontradas. A realização deste procedimento é justificada pela possível presença de casos extremos, os quais poderiam não ser representativos dos comportamentos inventariados.

4.1 ESTUDO DOS CASOS EXTREMOS

Conforme os gráficos de Bigodes (ver Quadro 1), pode-se notar que nas ID e IT não há casos extremos. A presença de um caso extremo ocorreu apenas nas IS. Na realidade, trata-se de um caso que estaria contribuindo no sentido de elevar a média desta iniciativa. Foram calculadas as médias da dimensão IS com e sem o caso aberrante. As mesmas se mostraram numericamente diferentes e favoráveis à média com o caso extremo ($\bar{X} = 13,70$ e $\bar{X} = 13,55$, respectivamente). Ainda assim, foi aplicado um teste t para a comparação destas médias ($t_{(36)} = 0,433$; $p = 0,668$), no qual não foram verificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre elas. Pode-se supor que o tal caso extremo indique um jogador com treinamento e estilo de jogo definidos e fora dos padrões deste grupo analisado. Neste caso, um jogador que treina mais as IS em comparação aos demais jogadores inventariados. Este resultado, não necessariamente indica que o mesmo treina esta iniciativa com maior frequência que as demais. No entanto, analisando o caso individualmente, verificou-se que este jovem tenista, de fato, treina as IS com uma frequência superior inclusive às outras iniciativas. Tais resultados são estimativas importantes e podem auxiliar a decisão de não desconsiderar o caso extremo no restante das análises. Sendo assim, as estatísticas subsequentes serão calculadas e analisadas considerando a presença deste caso extremo.

Quadro I: Análise dos casos extremos



4.2 ANÁLISE DE ITENS

Destaca-se que as médias encontradas para cada um dos 12 itens estudados individualmente variaram entre 1,84 e 4,22, com desvios-padrão associados variando entre 0,77 e 1,11. Esses resultados preliminares são considerados satisfatórios, pois não houve aderência predominante (seja positiva ou negativa) a nenhum dos itens isolados, isto é, itens com médias muito próximas aos valores extremos (1 ou 5). Destaca-se ainda que a variabilidade dos resultados encontra-se classificada de restrita a moderada, indicando certa homogeneidade na dispersão avaliada. Já a média encontrada para o instrumento total foi de 41,51, com um desvio-padrão associado de 5,29. Como o intervalo total esperado era de 12 a 60 pontos (com média esperada de 36 pontos) e o observado foi de 30 a 51, observam-se valores próximos entre a média esperada e a observada. Mesmo considerando que a mediana das correlações item-total tenha estado em uma classificação considerada moderada ($r = 0,31$) (CALLEGARI-JACQUES, 2003), 3 questões (das 12) revelaram valores inferiores a 0,20. Estes últimos dados poderiam indicar certa necessidade de revisão das qualidades métricas destes itens, quando considerados isoladamente; entretanto, comparando os índices *alpha* - que variaram de 0,694 a 0,679, para os itens retirados - com o coeficiente *alpha* para a escala total sem a exclusão de nenhum item (0,681), verifica-se que esse procedimento se torna desnecessário e improdutivo, podendo ainda causar perda na validade de conteúdo, principalmente quanto à pertinência e à adequada exploração de todas as arestas - significados - do conceito. Finalmente, considerando o valor *alpha* encontrado para a escala total (0,681), o qual revelou um índice considerado aceitável para uso em pesquisa - muito próximo de índices considerados recomendados ($\alpha > 0,7$) (PESTANA; GAGEIRO, 2003; NUNNALLY; BERNSTEIN, 1994; TAYLOR et al., 2003), pode-se afirmar que este resultado pode ser interpretado como satisfatório com relação à consistência interna do

instrumento para estes dados, sendo um importante preditor da confiabilidade e precisão dos demais resultados.

4.3 ESTATÍSTICAS DESCRITIVAS GERAIS

Nota-se que as médias obtidas ($\bar{X}_{IS} = 13,70$; $\bar{X}_{ID} = 12,35$; $\bar{X}_{IT} = 15,46$) variaram em valores numéricos. Esta variação parece mais acentuada quando observados os valores das medianas e modas. Os desvios-padrão associados a essas médias ($DP_{IS} = 2,14$; $DP_{ID} = 2,20$; $DP_{IT} = 2,39$) mostraram-se adequados, indicando uma dispersão homogênea.

Tabela I: Estatísticas de distribuição da amostra.

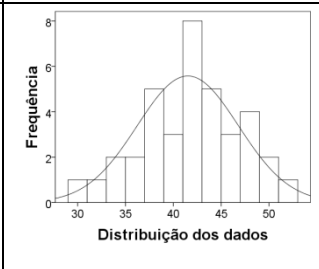
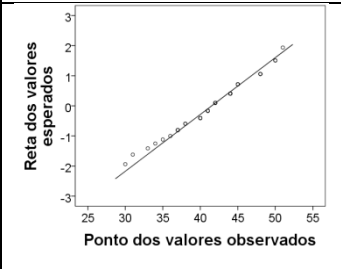
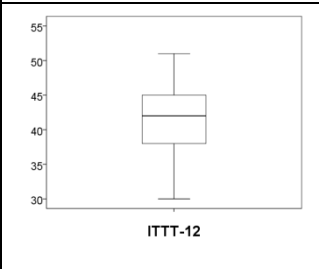
Iniciativa de Jogada	N	Tendência Central e Dispersão						
		\bar{X}	DP	$\bar{X}_{5\%}$	Mediana	Moda	Amplitude	
							M _{inimal}	M _{aximal}
Iniciativas de Saque	37	13,70	2,14	13,64	13,00	13,00	10,00	19,00
Iniciativas de Devolução	37	12,35	2,20	12,33	12,00	14,00	9,00	16,00
Iniciativas de Trocas de Bola	37	15,46	2,39	15,51	16,00	18,00	11,00	19,00

Considerando que os valores médios mínimo e máximo esperados para cada uma das iniciativas de jogadas são 4 e 20, respectivamente, pode-se afirmar que todas as jogadas são treinadas “com frequência” à “muita frequência”. Este resultado está de acordo com o indicado por Fuentes (2001), o qual aponta que o aperfeiçoamento das técnicas do tênis deve ser intensificado, em média, dos 11 aos 14 anos de idade. Este resultado também é importante, visto o fato das jogadas analisadas contemplarem os estilos de jogo indicados por Crespo e Miley (1999). Segundo diversos autores (DENT, 1995; PANKHURST, 1999; REID et al., 2007; REID; CRESPO; SANTILLI, 2009; KILIT; SUVEREN; SENEL, 2011; REID; MORRIS, 2013), o treinamento destas jogadas podem e devem compor boa parte do treinamento infantojuvenil. Além disso, afirmam a importância dos resultados em competições ao final da etapa de juniores. Sendo assim, o desenvolvimento das habilidades esportivo-motoras durante a etapa infantojuvenil é fundamental.

Com o objetivo de verificar a normalidade da distribuição dos dados, para a posterior

comparação destas médias, testaram-se os índices de normalidade através do cálculo Shapiro-Wilk (S-W) para os dados deste estudo. O Quadro 2 demonstra, graficamente, que não houve distorção importante na curva de distribuição dos resultados (ver histograma). Os pontos dos valores observados mantiveram-se muito próximos à reta dos valores esperados (ver gráfico Q-Q) e, portanto, não houve a presença de valores extremos (casos aberrantes) que pudessem distorcer os resultados das médias (ver gráfico de bigodes), descaracterizando o uso de instrumentais paramétricos de avaliação. Ainda, testou-se a normalidade da distribuição com ajuda do teste Shapiro-Wilk e seus resultados ($S-W_{(37)} = 0,976$; $p = 0,594$) indicaram haver normalidade na distribuição. Inclusive, ao se considerar o Teorema Central do Limite, pode-se afirmar que, quando o tamanho da amostra é grande, a distribuição amostral de sua média aproxima-se cada vez mais de uma real distribuição normal (KLARTAG; BO'AZ, 2007; FISCHER; HANS, 2011). Todos esses resultados sustentam a adequabilidade dos dados em estudo e a continuidade das análises.

Quadro II: Indicadores de normalidade dos dados.

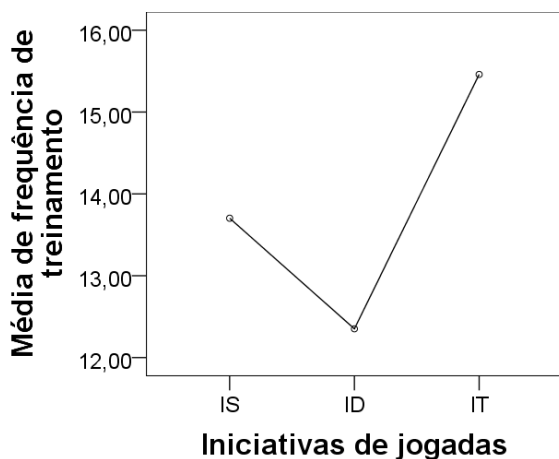
Instrumento	Histograma com representação gráfica da curva normal	Gráfico Q-Q com apresentação da relação entre valores esperados e observados	Gráfico de bigodes com demonstração da não existência de casos aberrantes
ITTT-12			

4.4 COMPARAÇÕES DE MÉDIAS

Primeiramente, a esfericidade dos dados foi testada a partir do Teste de Esfericidade de Mauchly. Seus resultados indicaram haver esfericidade ($W = 0,984$; $p = 0,757$), portanto, não foi necessária a aplicação de qualquer fator de correção. As médias gerais encontradas para cada um dos grupos em análise ($\bar{X}_{IS} = 13,70$; $\bar{X}_{ID} = 12,35$; $\bar{X}_{IT} = 15,46$) foram comparadas a partir de uma ANOVA para medidas repetidas e seus resultados indicam haver interação entre as três iniciativas de jogadas (ver Gráfico 1) e apontam para a existência de diferenças significativas ($F_{(2, 72)} = 30,968$; $p < 0,001$) entre os índices médios de frequência de

treinamento destas iniciativas de jogadas. O post-hoc de Bonferroni identificou diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre cada uma das três iniciativas de jogadas. Entretanto, este resultado não era esperado, pois nesta etapa de preparação dos tenistas infantojuvenis, o treinamento não deveria priorizar um determinado grupo de jogadas, mas buscar o seu desenvolvimento integral, almejando a formação de um jogador completo.

Gráfico I: Variação nas frequências de treinamento das iniciativas de jogadas.



Em relação aos diversos programas de treinamento esportivo que existem atualmente, Crespo e Unierzyski (2007) afirmam que esses são baseados no próprio jogo e, embora tenham nomes diferentes, têm muitos aspectos em comum. Assim, indicam que os principais métodos de treinamento esportivo baseiam-se na premissa de que o aprendizado e o treinamento devem ocorrer por meio das diversas situações presentes no próprio modelo competitivo de cada modalidade esportiva.

Neste caminho, o estudo encontrou resultados satisfatórios. Os grupos de iniciativas de jogadas investigados são treinados de maneira a desenvolver, nem que seja minimamente, o conteúdo das técnicas avançadas do tênis. No entanto, o que merece um olhar mais cauteloso é a equidade de treino entre as diferentes situações que envolvem o jogo de tênis. Como apontam os resultados, são observadas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as médias encontradas, permitindo a interpretação de que o treinamento, para os tenistas investigados, enfatiza determinadas iniciativas de jogadas. Além disso, dentro de cada grupo de iniciativas de jogadas, há golpes voltados à definição (GD) e à preparação (GP) dos pontos em disputa. Quando realizado Teste t para uma amostra, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as médias gerais dos GP e GD e dentro dos grupos IS e ID (ver tabela 2). Assim, observa-se que o treinamento dos jovens tenistas

investigados apresenta-se especializado no que diz respeito ao modelo estratégico-tático no tênis.

Tabela II: Comparação entre Golpes de Preparação e Golpes de Definição.

		N	\bar{X}	DP	T	p
Geral	GP	37	23,92	3,22	10,026	0,000
	GD	37	17,59	3,32		
IS	GP	37	8,03	1,42	7,347	0,000
	GD	37	5,67	1,47		
ID	GP	37	7,92	1,23	10,862	0,000
	GD	37	4,43	1,67		
IT	GP	37	7,97	1,57	1,715	0,095
	GD	37	7,49	1,37		

No entanto, há dúvidas se são as condições de jogo impostas nestas categorias que influenciam essa ocorrência, ou se as atividades de treino reforçam esse comportamento. Para Klering (2013) as dimensões da quadra combinada com a etapa do desenvolvimento físico em que os tenistas infantojuvenis se encontram, são obstáculos para um melhor desenvolvimento das jogadas iniciadas, principalmente, pelo saque. Esse obstáculo, de acordo com os resultados encontrados pelo estudo, está relacionado ao pouco uso das jogadas de definição por meio do saque nas categorias infantojuvenis durante as competições. Como essas jogadas surtem pouco efeito durante as competições de tênis infantojuvenis, acabam por serem, também, menos praticadas em relação àquelas que apresentam melhores chances de êxito nas disputas. Em outro estudo, que corrobora com as suspeitas sobre a influência da competição no contexto infantojuvenil, Hizan, Whipp e Reid (2011), ao investigarem competições oficiais de tênis, constataram que os tenistas juniores vencem menos pontos por meio do saque quando comparados aos tenistas profissionais. Assim, com base nesses estudos, observa-se que os resultados encontrados na presente pesquisa acabam refletindo o mesmo panorama.

As ID, entretanto, são as iniciativas menos treinadas por estes tenistas. Este é um resultado importante e não verificado por outros autores. Por meio de entrevistas com treinadores de tenistas infantojuvenis, Klering (2013) observou que, de fato, outras jogadas são priorizadas em detrimento às ID. Não obstante, ID por meio dos GP parecem ser ainda mais treinadas. Este fato, talvez se justifique a partir da afirmação de Zawadzki e Roca (2009), na qual jogadores de saibro costumam devolver os saques com um posicionamento

mais ao fundo de quadra, tendo em vista que neste tipo de piso, há um maior número de troca de bolas em virtude da velocidade do jogo ser mais lenta em relação às outras superfícies. Assim, ressalta-se que, por ser um estudo que investiga o treinamento de tenistas brasileiros com a sua formação quase que totalmente forjada em quadras de saibro, esse resultado pode sofrer de tal influência.

Outro fator que poderia justificar esse resultado para as ID está relacionado ao fato de que o tenista ao executar a devolução do saque está em posição mais defensiva. Considerando que o sacador tem a primeira iniciativa de jogada em sua posse, o tenista que está na devolução de saque estaria à mercê, primeiramente, da atitude do sacador. Contudo, essa justificativa perde força em virtude de o saque também ter apresentado uma frequência menor para os GD em relação aos GP. Com isso, entende-se que o tenista durante a devolução de saque não se encontra em uma posição que o impossibilite completamente de realizar os GD.

Por fim, as IT são as iniciativas de jogadas com a maior frequência de treinamento. Este fato é interessante, visto que para ambos os jogadores desenvolverem uma disputa com troca de bolas, é necessário um saque seguido de uma devolução – iniciativas significativamente menos treinadas em comparação à última e, segundo Elliott e Saviano (2001), são os dois golpes mais importantes no jogo de tênis. Ainda nesse sentido, para Schönborn (1999), Balbinotti et al. (2005) e Klering (2013), o desenvolvimento das diversas sequências de golpes existentes no tênis deve ser realizado de forma homogênea. Portanto, os resultados indicam uma possível especialização precoce do modelo estratégico-tático, indo de encontro ao que diversos autores indicam para esta faixa etária no que diz respeito tanto ao desenvolvimento do atleta infantojuvenil (HARRE, 1983; CARVALHO, 1998; BOMPA, 2002; GOMES, 2002; WEINECK, 2003; PLATONOV, 2008) quanto à formação do jovem tenista (CAYER; LAMARCHE, 1989; DENT, 1994; CRESPO; MILEY, 1999; SCHÖNBORN, 1999; VAN AKEN, 1999; UNIERZYSKI, 2003, 2005; BALBINOTTI, MOTTA, 2009b; KLERING, 2013). Neste contexto, o desejado é que as três iniciativas de jogadas investigadas apresentassem médias de frequência de treinamento altas e muito similares, tanto entre si quanto entre os GP e GD.

Nesse sentido, Fuentes (2001) aponta que o aperfeiçoamento das técnicas do tênis deve ser intensificado, em média, dos 11 aos 14 anos de idade e, somente na etapa seguinte (etapa de rendimento) os objetivos competitivos passam a sobrepujar os objetivos da aprendizagem correta da técnica. Com o aperfeiçoamento técnico intensificado, as diversas situações de jogo vivenciadas pelo jovem tenista promoverão uma melhora no aprendizado e retenção dos conteúdos trabalhados (ANTÚNEZ et al, 2009). Contudo, caso essas orientações

sejam ignoradas ou negligenciadas, podem ocorrer efeitos negativos no que tange a formação de longo prazo desses tenistas. De acordo com Balbinotti et al. (2005), essa ênfase em determinados golpes e iniciativas de jogadas pode resultar em uma especialização precoce do modelo estratégico-tático. Enquanto os jovens tenistas deveriam estar vivenciando um aprendizado variado e diversificado das habilidades técnicas, encontram-se, precocemente, na etapa dos modelos estratégico-táticos do esporte. Esse modelo, limitado de variações e pouco diversificado, pode levar mais facilmente a uma limitação técnica a longo prazo (BALBINOTTI et al, 2005). Não obstante, tendo em vista que a rotina de treinamento pode levar a uma exaustão física e emocional (CASAGRANDE et al., 2014), entende-se que a repetição demasiada de determinadas jogadas também pode fazer com que os jovens tenistas percam a energia necessária para o desenvolvimento da performance. Por fim, os resultados encontrados no presente estudo podem ser representativos de uma busca por resultados em curto prazo, condicionando o jovem tenista a desenvolver um estilo de jogo mais defensivo durante as atividades de treino, deixando à margem principalmente o desenvolvimento de jogadas voltadas à definição dos pontos que, em muitas vezes, tornam-se decisivas quando chegam ao modelo de competição adulto.

5. CONCLUSÕES

Os resultados do presente estudo apontam para um treinamento técnico-tático especializado precocemente no que diz respeito às técnicas avançadas do tênis. Os resultados que respondem diretamente as questões do estudo mostram que:

- a) Há diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) entre as médias das frequências das três iniciativas de jogadas analisadas. Assim, observa-se que as Iniciativas de Troca de Bolas de Fundo de Quadra são as mais treinadas pelos tenistas investigados. Seguido pelas Iniciativas de Saque e, por fim, as Iniciativas de Devolução de Saque.
- b) Na comparação geral entre os Golpes de Preparação e os Golpes de Definição também se observou diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Neste caso, a maior frequência de treinamento para os tenistas analisados corresponde aos Golpes de Preparação.
- c) Na comparação intragrupo entre os Golpes de Preparação e os Golpes de Definição foram observadas diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) para os grupos Iniciativas de Devolução de Saque e Iniciativas de Saque. Contudo, não houve diferença estatisticamente significativa ($p > 0,05$) entre os Golpes de Preparação e os Golpes de Definição para o grupo Iniciativas de Troca de Bolas de Fundo de Quadra.

Estes resultados podem contribuir para a prática profissional de treinadores de tenistas infantojuvenis que buscam o alto rendimento. Como uma forma de alerta, os resultados evidenciam um treinamento já especializado em algumas combinações de golpes em uma etapa do treinamento esportivo em que a variedade e a diversidade desse treinamento é extremamente importante para a formação em longo prazo. Essa rotina de treinos mais especializada pode estar apontando para uma possível busca por resultados em curto prazo nas competições infantojuvenis. Assim, ressalta-se a importância de refletir e repensar as competições de tênis infantojuvenis, as quais parecem favorecer aqueles que possuem um desenvolvimento maturacional mais avançado e/ou aqueles que priorizam o desenvolvimento e treinamento de determinados golpes e iniciativas de jogadas que, nesta faixa etária, são mais eficazes em competições.

Mesmo não sendo possível generalizar os resultados obtidos nesta pesquisa (pois o procedimento de coleta amostral foi não-aleatório), tanto o número de sujeitos em estudo quanto à pluralidade setorial, onde foi coletada, a ordenação das iniciativas de jogadas

permitem algumas conclusões hipotéticas importantes. Considerando essa limitação, pode-se concluir que as combinações de golpes propostas pelo modelo se fazem presentes e são representativas do treinamento dos tenistas infantojuvenis investigados. Assim, os resultados indicam uma possível especialização precoce do modelo estratégico-tático, ressaltando a demanda de uma investigação mais aprofundada sobre os motivos desta especialização.

Finalmente, sugere-se que novos estudos, de outra natureza, sejam realizados a fim de produzir conhecimentos mais específicos, identificando os motivos que levam estes jovens tenistas a treinar determinadas iniciativas de jogadas em detrimento de outra(s). Além disso, acredita-se que por meio de um estudo longitudinal, analisando as frequências de treinamento das iniciativas de jogadas nas categorias infantojuvenis e os resultados em idades mais avançadas, seria possível obter resultados mais claros sobre a real influência deste modelo de treinamento na carreira de um tenista.

REFERÊNCIAS

- ANTÚNEZ, R. M.; HERNÁNDEZ, F. J. M.; VAÍLLO, R. R.; GARCÍA, J. P. F. Aplicación de un sistema automatizado para el aprendizaje y el entrenamiento del tenis en condiciones de interferencia contextual. **Apunts: Educación Física y Deportes**. Barcelona, n. 96, p. 27-33, 2º trimestre, 2009.
- AUTOUN, R. **Women's tennis tactics: winning today's game**. Champaign: Human Kinetics, 2007.
- BALBINOTTI, C. A. A. **A Formação Técnica do Jogador de Tênis: um estudo sobre jovens tenistas brasileiros**. 2003. Tese (Doutorado). Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Porto, 2003.
- BALBINOTTI, C. A. A.; MOTTA, M. A bola em jogo no tênis: o domínio das técnicas avançadas. In: BALBINOTTI, C. et al. **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009 a. p. 141-162.
- BALBINOTTI, C. A. A.; MOTTA, M. Os modelos estratégico-táticos do tênis de competição. In: BALBINOTTI, C. et al. **O ensino do tênis: novas perspectivas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2009 b. p. 178-202.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C. A. A.; MARQUES, A. T.; GAYA, A. C. O treino técnico-desportivo de jovens tenistas brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 51-72, set. 2004.
- BALBINOTTI, M. A. A.; BALBINOTTI, C. A. A.; MARQUES, A. T.; GAYA, A. C. Estudo fatorial confirmatório e da consistência interna do inventário do treino técnico-desportivo do tenista (ITTT-12). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.393-403, out./dez. 2009.
- BALYI, I.; HAMILTON, A. Long-term athlete development, trainability and physical preparation of tennis players. In: REID, M.; QUINN, A.; CRESPO, M. **Strength and Conditioning for Tennis**, International Tennis Federation, London, 2003, p. 49-57.
- BISQUERA, R. **Introducción a la estadística aplicada a la investigación educativa: um enfoque informático com los paquetes BMDP y SPSS**. Barcelona: PPU, 1987.
- BÖHME, M. T. S. **Esporte infantojuvenil: treinamento a longo prazo e talento esportivo**. 1ª ed. São Paulo: Phorte, 2011.
- BOLLETTIERI, N. **Bollettieri's tennis handbook**. Champaign: Human Kinetics, 1999.
- BOMPA, T. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Phorte, 2002.
- BRYMAN, A.; CRAMER, D. **Quantitative data analysis with SPSS release 8 for Windows: a guide for social scientists**. New York: Routledge, 1999.

CALLEGARI-JACQUES, S. M. **Bioestatística: princípios e aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CARVALHO, J. O treino das técnicas desportivas na formação do jovem atleta. **Treino Desportivo**. Lisboa, v. 1, n. 3, p. 43-48, 1998.

CASAGRANDE, P. O.; ANDRADE, A.; VIANA, M. S.; VASCONCELOS, D. I. C. Burnout em tenistas brasileiros infanto-juvenis. **Motricidade**, v.10, n. 2, p. 60-71, 2014.

CAYER, L.; LAMARCHE, P. Modelo de desarrollo específico para el tenis. **VI Simposium para entrenadores de la Federación Internacional de Tenis**. Madrid: Escuela Nacional de Maestría de Tenis, 1989, p. 44-105.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. **Curso de capacitação de professores – curso nível 3**. Texto Apostilado. Departamento de capacitação. São Paulo: 1999.

CORTELA, C. C.; FUENTES, J. P. ABURACHID, L. M. C.; KIST, C.; CORTELA, D. N. R. Iniciação esportiva ao tênis de campo: um retrato do programa play and stay à luz da pedagogia do esporte. **Conexões**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 214-234, 2012.

CRESPO, M.; COOKE, K. The tactical approach to coaching tennis. **ITF Coaching and Sport Science Review**. London, v. 7, n. 19, p. 10-11, 1999.

CRESPO, M.; MILEY, D. **Manual para entrenadores avanzados**. 1ª ed. Londres: International Tennis Federation (ITF), 1999.

CRESPO, M.; UNIERZYSKI, P. Review of modern teaching methods for tennis. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 7, n. 3, p. 1-10, 2007.

DENIAU, G. **Tenis: técnica, táctica y entrenamiento**. 1ª ed. Barcelona: Paidotribo, 1991.

DENT, P. Long term planning for a tennis player. **Coaching Excellence**, n. 10, p. 1, 1994.

DENT, P. Awareness of standards. **ITF Coaching and Sport Science Review**, London, v. 3, n.7, p. 3-4, 1995.

ELLIOTT, B.; SAVIANO, N. Serves and Returns. In: ROETERT, P.; GROPPPEL, J. (Eds.). **Word-Class Tennis Technique**. 1ª ed. Champaign: Human Kinetics, 2001, cap. XII

FISCHER; HANS. **A History of the Central Limit Theorem: From Classical to Modern Probability Theory, Sources and Studies in the History of Mathematics and Physical Sciences**, New York: Springer, 2011.

FUENTES, J. P. **Análisis de la formación y de los planteamientos didácticos del entrenador de tenis de alta competición en España**. 2001. Tesis doctoral. Universidad de Extremadura, Cáceres, 2001.

GIAMPAOLO, F. **Championship tennis**. Champaign: Human Kinetics, 2013.

GOMES, A. C. **Treinamento desportivo: estruturação e periodização**. 1ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HARRE, D. **Teoría del entrenamiento deportivo**. 1ª ed. La Habana: Científico-Técnica, 1983.

HILL, M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

HIZAN, H.; WHIPP, P.; REID, M. Comparison of serve and serve return statistics of high performance male and female tennis players from different age-groups. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 11, n. 2, p. 365-375, 2011.

KILIT, B.; SUVEREN, S.; ŞENEL, Ö. (2011). Elit Türk tenisçilerin taktik durumlarının _5 oyun durumu' açısından analizi. **Uluslararası İnsan Bilimleri Dergisi [Bağlantıda]**. 8:1. Erişim: <http://www.insanbilimleri.com>

KLARTAG; BO'AZ. A central limit theorem for convex sets. **Inventiones Mathematicae**. 168, 91–131, 2007.

KLERING, R. T. A técnica funcional do tenista: um estudo sobre os conteúdos do treino de tenistas infanto-juvenis de 11 a 14 anos. [**Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano**]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2013.

KOPSIC, D.; SEGAL, F. Guidelines to Develop a Game on Clay. **ITF Coaching and Sport Science Review**, London, v. 3, n. 7, p. 4-5, out., 1995.

LAWRENCE, N. Gaining momentum. **ITF Coaching and Sport Science Review**. London, v. 3, n.7, p.7, out., 1995.

LIKERT, R. A Technique for the Measurement of Attitudes. **Archives of Psychology**, v. 140, p. 1-55, 1932.

MAGUIRE, T. O.; ROGERS, W. T. Proposed solutions for non randomness in educational research. *Canadian Journal of Education*, Toronto, v. 14, n. 2, p. 170-181, 1989

MOTTA, M. **O treinamento técnico desportivo: um estudo descritivo-exploratório com tenistas adultos federados**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, EsEF-UFRGS, Porto Alegre, 2009.

NUNNALLY, J. C.; BERNSTEIN, I. H. **Psychometric Theory** (3ª ed.). Nova Iorque: McGraw-Hill, 1994.

PANKHURST, A. Enseñanza basada en el juego. **ITF Coaching and Sport Science Review**. Londres, v. 7, n.19, p. 11-13, nov., 1999.

PESTANA, M. H.; GAGEIRO, J. G. Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS. Lisboa: Edições Silabo, 2003.

PLATONOV, V. N. **Tratado geral de treinamento desportivo**. 1ª ed. São Paulo: Phorte, 2008.

REAL FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE TENIS. Tomo (II). Madrid: Comité Olímpico Español, 1993.

REID, M.; CRESPO, M.; SANTILLI, L.; MILEY, D.; DIMMOCK, J. The importance of the International Tennis Federation's junior boys' circuit in the development of professional tennis players. **Journal of Sports Sciences**, v. 25, n. 6, p. 667-672, 2007.

REID, M.; CRESPO, M.; SANTILLI, L. Importance of the ITF Junior Girls' Circuit in the development of women professional tennis players. **Journal of Sports Sciences**, v. 27, n. 13, p. 1443-1448, 2009.

REID, M.; MORRIS, C. Ranking benchmarks of top 100 players in men's professional tennis. **European Journal of Sports Science**, v. 13, n. 4, p. 350-355, 2013.

REIS, E. Estatística descritiva. Lisboa: Edição Silabo, 2000.

ROWLEY, S. Training young athletes. In: ETA COACHES SYMPOSIUM. **Anais Coaches Symposium**. Norwich: ETA, 1990.

SAMMEL, D. How to Counter Specialist Styles. **ITF Coaching and Sport Science Review**. London, v. 3, n.7, p. 5-6, out., 1995.

SCHÖNBORN, R. **Tenis: entrenamiento técnico**. 1ª ed. Madrid: Tutor, 1999.

SCHWARTZ, B. C.; DAZET, C. A. **Competitive Tennis**. 1ª ed. Champaign: Ed. Human Kinetics, 1998.

SMITH, S. Pattern your Way to Smart Tennis. **Tennis**, v. 30, n. 9, p.40-44, jan., 1995.

TAYLOR, G. J.; BAGBY, R. M.; PARKER, J. D. A. The twenty ñ Item Toronto Aleithymia Scale IV. Reliability and factorial validity in different languages and cultures. **Journal of Psychosomatic Research**, 55, 277-283, 2003.

UNIERZYSKI, P. Periodization for under-14s. **ITF Coaching and Sport Science Review**. London, v. 13, n. 36, p. 4-6, 2005.

UNIERZYSKI, P. Planning and periodization for the 12-14 year old tennis players. **ITF Coaching and Sport Science Review**, London, v. 11, n. 31, p. 6-8, 2003.

UNIERZYSKI, P.; CRESPO, M. Review of modern teaching methods for tennis. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 7, n. 3, p. 1-10, 2007.

VAN AKEN, I. The tactical and technical learning process. **ITF Coaching and Sport Science Review**, London, v. 7, n.19, p.8-10, 1999.

VAN DAALEN, M. **Teaching tennis: the fundamentals of the game**. 1ª ed. Bloomington: Xlibris, 2011.

WEINECK, J. **Treinamento Ideal**. 9ª ed. São Paulo: Manole, 2003.

WHITE, S. **Grassroots tennis: helping parents and coaches teach kids**. Raleigh: Lulu, 2008.

WOODS, R.; FERNANDEZ, M. Finding the Best Learning Style. In: ROETERT, P.; GROPPPEL, J. (Eds.). **Word-Class Tennis Technique**. 1ª ed. Champaign: Ed. Human Kinetics, 2001, cap. I.

WOODS, R.; HOCTOR, M.; DESMOND, R. **Coaching Tennis Successfully**. 1ª ed. United States Tennis Association. Champaign: Ed. Human Kinetics, 1995.

ZAWADZKI, P.; ROCA, J. Indicator of depth for the return of serve. **ITF Coaching and Sport Science Review**, London, v. 17, n. 49, p. 21-22, 2009.

ANEXO 1 – INVENTÁRIO DO TREINO TÉCNICO-DESPORTIVO DO TENISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Ranking FGT/CBT/ITF:

Categoria em que compete:

Participa de competições oficiais: a 2 anos ou menos a mais de 2 anos

Treinos semanais: até 2 vezes por semana mais de 2 vezes por semana

Com os itens a seguir, pretende-se obter informações com relação à frequência de treino das diferentes jogadas realizadas pelos tenistas durante os últimos 12 meses. Cada questão corresponde a um tipo de jogada específica no Tênis. Responda, dentro dos parênteses e de acordo com a escala abaixo, com que frequência você tem treinado as jogadas apresentadas a seguir. O valor 1 indica que você tem treinado as jogadas com pouquíssima frequência. Já o valor 5 indica que você tem treinado com muitíssima frequência. Os valores 2, 3, e 4 indicam graus intermediários de frequência de treino. Note apenas que, à medida que aumenta o número, aumenta proporcionalmente a frequência que você treina as jogadas. Não existem respostas certas ou erradas, o objetivo é apenas obter informações com relação a sua frequência de treino.

Durante a prática de seus treinos na quadra de tênis, em sua opinião, qual a frequência que você executa as jogadas abaixo relacionadas?

- 1) pouquíssima frequência
- 2) pouca frequência
- 3) com frequência
- 4) muita frequência
- 5) muitíssima frequência

01.	()	Saque como golpe vencedor.
02.	()	Saque para aproximação à rede.
03.	()	Saque para o domínio do ponto do fundo da quadra.
04.	()	Saque com variação de potência e rotação.
05.	()	Devolução de saque como golpe vencedor.
06.	()	Devolução de saque para aproximação à rede.
07.	()	Devolução de saque para o domínio do ponto do fundo de quadra.
08.	()	Devolução de saque com variações de potência e rotação.
09.	()	Troca de bolas para um golpe vencedor.
10.	()	Troca de bolas para aproximação à rede.
11.	()	Troca de bolas para o domínio do ponto do fundo da quadra.
12.	()	Troca de bolas com variações de potência e rotação.